



Victor Klemperer e seu livro *Iti*: a linguagem do Terceiro Reich

Victor Klemperer and His Book: The Language of the Third Reich

Miriam Bettina Paulina Bergel Oelsner*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

oelsner@usp.br

Resumo: É um livro de teor testemunhal publicado em 1947 em Berlim. Tornou-se muito conhecido no Ocidente após a queda do Muro de Berlim. Publicado na antiga RDA não interessava ao regime comunista. Segundo Paola Traverso, os alemães passaram a valorizar a 'LTI' como forma de se desculpar junto aos judeus. Klemperer abandonou seu sentimento de alemanidade, após sofrer todas as injúrias impostas pelo nazismo.

Palavras chave: Manipulação. Linguagem. Antissemitismo. Terceiro Reich.

Abstract: It is a book of testimonial content published in 1947 in Berlin. It became very well known in the West after the fall of the Berlin Wall. Published in the former GDR did not interest the communist regime. According to Paola Traverso, the Germans came to value the 'LTI' as a way of apologizing to the Jews. Klemperer abandoned his sense of Germanity after suffering all the insults imposed by Nazism.

Keywords: Manipulation. Language. Anti-Semitism. Third Reich.

Apresentação

Passados oitenta anos do início da Segunda Guerra Mundial, em 1. de setembro de 1939, data em que a Alemanha invadiu a Polônia, quase não existem mais sobreviventes. Dentre os mais de 50 milhões de mortos, seis milhões eram judeus, exterminados pelo simples fato de terem nascido judeus. Trata-se de um capítulo da História da Humanidade que nos preocupa e nos traz angústia. Temos o dever moral de estudar, ler, escrever e assim poder registrar tudo o que soubermos sobre um dos momentos mais equivocados e inexplicáveis da história do século 20. Não podemos permitir seu esquecimento, tampouco permitir sua repetição. A eliminação de seis milhões de judeus recebeu o nome de “Shoah” em hebraico, Holocausto e também “genocídio nazista” nos demais idiomas.

Alguns sobreviventes da Shoah deixaram obras de fundamental importância, relatando perplexos e se perguntando: “Como foi possível ter acontecido esse horror?” E, mesmo assim existem grupos ativos e poderosos empenhados em negar o genocídio. São os assim chamados “revisionistas da História”.

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo.



Um dos sobreviventes, o professor Victor Klemperer (1881-1960), deixou uma obra que foi laureada postumamente em 1995 com o Prêmio *Geschwister Scholl* [Irmãos Scholl]. Martin Walser, escritor e crítico social alemão declarou durante a outorga do prêmio que a obra de Klemperer é de suma importância, sendo sua leitura imprescindível para a compreensão dos doze anos do horror que foi o Terceiro Reich [1933-1945]: “Não encontrei nenhuma análise que retratasse a verdade sobre a ditadura nacional-socialista tal como o Ensaio de Victor Klemperer em sua 'LTI'”.¹

Esse livro, que eu tive o privilégio de traduzir para a Editora Contraponto, do Rio de Janeiro, leia-se, Cesar Benjamin, teve sua primeira edição publicada em 2009 e a segunda em 2018. Com ela, recebemos o *Prêmio União Latina de Linguagem Técnica*, em 2010, outorgado pela Câmara Brasileira do Livro.²

Victor Klemperer, professor de Letras Latinas na Universidade de Dresden de 1920 a 1935, foi demitido compulsoriamente pelas leis raciais de Nürenberg nesse mesmo ano. Desempregado, oprimido e chocado pelo poder nefasto do nacional-socialismo aprofundou-se no estudo do que acontecia à sua volta. Atento a tudo o que era dito, desde os chavões antissemitas à fala da gente do povo, e mesmo de pessoas mais cultas, conseguiu comprovar como judeu, ao final de todos os anos em que foi perseguido, que a força do nazismo residia na manipulação da linguagem, exercida em especial por Joseph Goebbels, Ministro de Propaganda do Terceiro Reich. Goebbels exercia seu poder por meio do jornal semanal *Völkischer Beobachter* [Observatório da nação alemã], dirigido por ele.

LTI, o livro, como um todo, é pautado pela análise dos termos e abreviaturas com os quais Goebbels foi adulterando o sentido das palavras e injetando na população os conceitos que eram necessários para todos passarem a enxergar a crueldade e a brutalidade nazistas como algo “normal”. Assistimos, desse modo, paulatinamente, ao cultivo da distopia. Goebbels é considerado até os dias atuais o *expert* no poder de persuasão pelo poder da repetição exaustiva da mentira.

Não se pode esquecer que além da manipulação da linguagem foi instalado de maneira audaciosa um sistema de pavor àqueles que quisessem se contrapor a qualquer ordem do regime. Mesmo os perseguidos pelo regime nazista se mantiveram antissemitas convictos até a queda do Terceiro Reich, como Klemperer exemplificou no capítulo 36 de *LTI*, o último.

O casal Klemperer encontrara refúgio na farmácia de um antigo amigo. Em meio a um dos bombardeios, perto do final da guerra, todos se encontravam reunidos no

¹ Frase proferida por Martin Walser [1927], crítico literário alemão, na Universidade Ludwig Maximilian, Munique, 1995, na outorga do Prêmio a Victor Klemperer, póstumo.

² Prêmio União Latina de Tradução Especializada, 2010, outorgado pela Câmara Brasileira do Livro, agosto 2010.



abrigo subterrâneo. Klemperer conversava com uma estagiária de origem lituana, perseguida por ser de ascendência estrangeira. Ele lhe perguntou o que ela pensava sobre os judeus. Ao que ela respondeu de pronto que tinha pavor de encontrar algum judeu, pois sabia, desde sempre, que todos eles eram pessoas muito perigosas.

1 O autor

Os pais de Klemperer, nascidos em Praga, emigraram para Breslau na segunda metade do século 19, onde o pai estudou Filosofia e também se graduou como rabino, exercendo o ofício em Berlim até atingir idade avançada, falecendo em 1912. No exercício da profissão em uma sinagoga reformista, guiava-se pelo pensamento iluminista de Voltaire. O ambiente em casa era contrário ao fanatismo religioso e ao obscurantismo. O filho, que se considerava totalmente alemão, e sem envolvimento íntimo com a religião praticada por seus pais e por suas quatro irmãs, não sentia vínculos profundos com o judaísmo.

Em vista do intenso antissemitismo reinante na Europa, desde fins do século 19, Klemperer se converteu ao protestantismo em 1903, aos vinte e dois anos, da mesma forma que dois de seus três irmãos.³ Para alcançar alguma chance de ser bem aceito socialmente, sentiu necessidade de se converter. Para ele alemanidade, ou *Deutschtum*, e luteranismo se resumiam ao mesmo. O culto praticado na sinagoga de seu pai se assemelhava ao luteranismo. Seu bar-mitzvá foi em um domingo de manhã, com meninos e meninas, aos quinze anos. Já convertido, continuava convivendo com os antigos conhecidos, sendo a maior parte de origem judaica.

Na França, corria o caso Dreyfus, por conta do antissemitismo no exército francês. Ao mesmo tempo, na Rússia, além dos pogroms, editava-se o *Protocolos dos sábios de Sião* o que faziam com que os judeus se encontrassem, inúmeras vezes, em má situação, ou seja, o antissemitismo era mais intenso do que na Alemanha. E, também, na Alemanha, em especial após a Primeira Guerra Mundial, o antissemitismo recrudescera, o que facilitou a ascensão de Adolf Hitler ao poder.

Klemperer jamais pensou que o sentimento de ódio que os alemães nutriam pelos judeus pudesse alguma vez vir a atingi-lo. Ele nutria profundo amor à sua terra natal. Foi-lhe extremamente penoso reconhecer que ela deixara de existir. A análise que Klemperer fez pôs em evidência elementos que levaram à construção da ideologia nazista e que permitiram que ela se apresentasse como se fosse uma “filosofia verdadeira”, sugerindo ser dotada de “fundamento ético”. Entre outros desdobramentos naturais, Goebbels seguiu os ditames de *Mein Kampf*.⁴ Dentre os quais estava incluída a eliminação física dos judeus, dentro da concepção da

³ Os filhos desse irmão, que se manteve judeu, foram “transportados” para campos de concentração e conseguiram sobreviver, emigrando mais tarde para o Uruguai.

⁴ Único livro escrito por Hitler. Ele o escreveu em 1924, na prisão, após o *Putsch*, de 1923. Mais tarde o livro passou a ser a bíblia do nacional-socialismo.



supremacia racial ariana. Klemperer constatou estarrecido quão antiga era a ideia dessa superioridade racial: desde Tácito, o historiador romano, que publicou no século 2 sua obra *Germânia*. Klemperer citou Wilhelm Scherer, autor que faz referência a esse livro para remontar ao historiador. Esse foi um dos poucos livros que conseguiu levar para o *Judenhaus*⁵ em 1940, época em que se encontrava analisando o fenômeno nazista. Para ele:

Parecemos os germanos, que após terem perdido todos os seus bens no jogo de dados, colocavam sua liberdade em jogo, a ponto de, mesmo se necessário, tornarem-se escravos. Para os próprios germanos sua teimosia não passava de um gesto de dignidade.⁶

Os alemães, de acordo com a citação, valorizavam sua teimosia e Klemperer prossegue, citando Theodor Plivier, outro autor seu contemporâneo: “percebia-se que houve alguma ligação entre a ferocidade do regime de Hitler e os excessos fáusticos encontrados na poesia clássica alemã e na idealização da filosofia alemã [...]”⁷

Pego assim, de alguma forma, de surpresa pelas leis raciais teve de alterar seu modo de vida. No início, passou a frequentar bibliotecas, para poder aproveitar o tempo disponível elaborando textos sobre Montesquieu, Voltaire e Diderot, seus iluministas franceses preferidos. Entretanto, a partir de 1938, foi vedado aos judeus frequentar bibliotecas. Nessas circunstâncias, passou a depender de sua mulher, que lhe trazia os livros que encontrava na biblioteca. Formou-se, então, entre os judeus, um sistema de troca de livros nas quatro *Judenhäuser* em que o casal viveu.

“Meus princípios sobre alemanidade e as diversas nacionalidades estão estremecidos como os dentes de um idoso”, escreveu Klemperer em relação à Alemanha e aos alemães.⁸ No começo do Século 20, o historiador e filósofo italiano Benedetto Croce [1866-1952], professor de Klemperer dissera que Klemperer seria incapaz de entender

⁵ Em 1940, o casal foi obrigado a deixar sua casa para o governo. Eles foram conduzidos para uma habitação coletiva, praticamente só com judeus, em condições de vida precárias.

⁶ OELSNER, 2002, p. 116. Frase escrita por Tácito, senador e historiador romano, em *Germânia*, século II. *Enciclopédia Britânica*, 1962.

⁷ Theodor Plivier [1892-1955] emigrou para a Rússia em 1934. Ele relatou a Batalha de Stalingrado pesquisando junto aos combatentes alemães. Após essa batalha, o General Paulus se entregou à União Soviética em fins de janeiro de 1943. Trata-se de um livro ainda hoje interessante. Já foi publicado na Alemanha em 1945, logo após a guerra.

⁸ KLEMPERER, 1997, p. 90.



a psicologia e a mente dos demais povos.⁹ De fato, em 1920, Klemperer, cumprimentando Karl Vossler, reitor da Universidade de Munique e seu orientador de livre-docência, fez menção à alma coletiva de um povo, à qual ele pertenceria e, onde encontraria paz. Para Klemperer, até aquele momento o povo alemão seria o povo eleito. Nesse mesmo ano, entretanto, Klemperer escreveu “a Alemanha não é nada, é somente uma ideia para amar”.¹⁰ Nessa época, seu nome constava da *Enciclopédia Brockhaus* desde 1925, como especialista na literatura francesa. Aparecia ladeado por seu irmão médico Georg Klemperer e seu primo Otto Klemperer, maestro.

Ele aprendeu a conhecer melhor o ser humano a partir do sofrimento imposto pelo nazismo. Em meio ao ambiente da perseguição, sentiu-se envergonhado por ter pensado que existisse diferença entre os povos, entre os seres humanos, o que ele tinha designado como *traits éternels*. Rompeu com a antiga ideia de generalizações, percebeu que a linguagem vinha se alterando e passou, então, a analisar detidamente o que ouvia nas ruas, mesmo entre seus conhecidos.

Ele começou a anotar tudo, dia a dia, descrevendo o que observava, no próprio dia, exatamente conforme percebera e sentira. Queria retratar tudo como acontecia, no dizer do historiador Leopold Von Ranke: “*Wie es eigentlich gewesen*”. Essas anotações fizeram com que seus diários se tornassem sua “tábua de salvação” contra a desilusão trazida por “sua Alemanha”, que havia se tornado algo totalmente incompreensível, passando a chamá-los de sua “vara do equilibrista”.¹¹

Seu propósito de anotar tudo o que via e ouvia foi a forma encontrada para escapar do ímpeto de ele e sua mulher cometerem suicídio, o que se tornou comum entre diversos casais e também entre pessoas, de forma solitária. Outro propósito das anotações, caso conseguisse sobreviver aos horrores da guerra, era poder transmitir a seus alunos a maneira como se dera a implantação do nazismo na mente de grande parte da população alemã, o que afinal conseguiu com grande reconhecimento, também internacional, mas somente após a queda do muro de Berlim.

Em 11 de maio de 1942, Klemperer escreveu em seus diários que queria manter sua alemanidade, confirmando considerar que os nazistas eram, na verdade, “anti-alemães”. Quando perdeu tudo, cargo, casa, animais de estimação¹² e, por lei, passa a ser o “judeu Israel Klemperer”, assumiu uma atitude crítica à concepção que tivera da Alemanha: “O que vale é o espírito, não o sangue. Seria ridículo aderir à crença judaica, sionista, por herança sanguínea”.

⁹ KLEMPERER, 1989, p. 298.

¹⁰ KLEMPERER, 1999.

¹¹ KLEMPERER, 2009, p. 48.

¹² O casal Klemperer foi obrigado a sacrificar seu canário e seu gato, ambos de estimação.



2 As humilhações

A história da sobrevivência do casal Victor e Eva Klemperer foi permeada por uma série de percalços. Além da perda do trabalho em 1935 pelas leis raciais, houve diversas outras perdas. Para um pensador voltado para o Iluminismo, ser taxado de pertencer a uma “raça” foi um marco extremamente chocante. Pouco tempo após a ascensão de Hitler ao poder, o filho adotivo do casal, que se estruturara de acordo com o pensamento liberal progressista dos Klemperer, aderiu ao nazismo, tornando-se um antissemita militante. Eles romperam de maneira definitiva com ele, após ouvirem de sua boca que atuava em “expedições punitivas”, com os comparsas nazistas. Após essa decepção, veio outra: tiveram de entregar seu automóvel, um Opel, adquirido a duras penas, ao governo nazista. Mais adiante tiveram de entregar sua casa, construída, também, a duras penas, nos arredores de Dresden, em Dolzschen. O casal foi conduzido com alguns poucos pertences a uma espécie de gueto alemão em 1940, as assim chamadas *Judenhäuser*, onde o banheiro e a cozinha eram coletivos a todas as famílias ali mantidas, com poucos recursos. Eram mansões, ou pequenos edifícios, que tinham pertencido a alguma família judaica onde agora as famílias de judeus eram abrigadas.

Nessas moradias estabeleceram amizades, que marcaram suas vidas para sempre. A maior parte das pessoas sem qualquer vínculo acadêmico. E, todos conviveram entre si, com as mais variadas histórias de vida, e, em geral, vivenciando sentimentos de solidariedade mútua. Havia muitos casais mistos, como os Klemperer, um cônjuge da religião judaica e o outro, não. Número razoável dentre esses moradores foi transportado para campos de extermínio. Klemperer presta homenagem a algumas dessas pessoas pela gentileza no trato com o casal e a demonstração de estima e de amizade. Houve um campo de concentração em Dresden, sobre o qual Klemperer lamentava não se ter falado dele no pós-guerra, nem no Julgamento de Nürenberg, em 1946.

Para Klemperer, o pior que lhe aconteceu durante todo o período nazista foi a obrigatoriedade do uso da estrela amarela, com a insígnia “*Jude*” em caracteres hebraizantes. Essa obrigação foi posta em prática em 19 de setembro de 1941, logo após a derrota do exército alemão na batalha de Leningrado, em junho do mesmo ano. Aqueles que deixaram de usá-la, ou a escondiam sob a lapela, ou simplesmente a esqueciam eram “transportados” aos campos de extermínio. O antissemitismo tornou-se um sentimento e uma atitude tão “normal”, que Klemperer evitava sair à rua, de tal forma que sentia a aversão de grande parte da população contra si. Além da estrela amarela, era vedado aos judeus usar o transporte coletivo, andar nas calçadas e a ração alimentar era menor. O livro pode ser dividido em duas partes distintas: antes e depois da obrigatoriedade do uso da estrela amarela.

Klemperer chegou a ser preso duas vezes pela Gestapo. Uma, durante uma semana, em 1941, denunciado por um vizinho, por ter esquecido uma luz acesa, durante o



horário do blackout. Outra, durante algumas horas, em janeiro de 1942, por ter entrado no bonde sem ter ficado no espaço externo, restrito aos judeus. Antes das *Judenhäuser*, sua casa também foi invadida algumas vezes pelos policiais da Gestapo, e eles sempre foram tratados ofensivamente. Eva era xingada como se fosse uma prostituta por ser casada com um judeu. A semana que Klemperer passou na prisão fez com que ele se decidisse a correr risco de vida, se necessário fosse, em 27 de maio de 1942 para prestar testemunho de tudo o que ele e sua mulher e todas as demais vítimas estavam sofrendo. Como ele escreveu no início de *LTI*: “Prestarei este testemunho porque há uma tendência em jogo, afora a razão científica, eu persigo também um objetivo educacional” e *Ich will Zeugnis ablegen*.¹³

Todos os judeus nas *Judenhäuser* realizavam trabalho escravo em fábricas, ou no serviço público. Klemperer chegou a trabalhar como gari, varrendo ruas. Em uma dessas fábricas, teve como colega um antigo juiz de direito, e ambos passavam madrugadas, durante o trabalho, conversando sobre as possíveis razões de a Alemanha ter chegado àquela desgraça. Ambos nunca tinham suposto que o antissemitismo pudesse atingir os laivos de crueldade em que viviam.

Durante os anos nas *Judenhäuser*, quando a intenção era anotar tudo e, mesmo enquanto trabalhavam, Klemperer levantava-se às 3h30 para escrever e registrar tudo, com intenção de não perder nada do que vivenciara na véspera. Organizando tudo por temas, escreveu diários por quase sessenta anos. Klemperer foi um dos poucos sobreviventes judeus da Shoah, que permaneceu todo o período nazista na Alemanha, sem ter sido “transportado” para campo de concentração ou de extermínio.¹⁴ Esse “privilegio” ocorreu devido ao fato de sua condição de ter como esposa uma luterana, a pianista Eva Schlemmer [1883 a 1951] e à sorte, ou melhor, a um milagre, o bombardeio de Dresden na noite de 13 para 14 de fevereiro de 1945. Nessa noite, em que grande parte da cidade de Dresden foi destruída, inclusive os escritórios da Gestapo, a polícia secreta nazista, permitiu a fuga dos poucos judeus, que sobreviveram ao bombardeio, para lugares menos perigosos.

Após a rendição alemã, em 8 de maio de 1945, o casal conseguiu reaver sua casa em 10 de junho de 1945, o que lhes trouxe enorme alegria. Inclusive, os diários, que haviam sido enterrados no jardim de uma amiga foram encontrados em outubro do mesmo ano. Ainda em 1945, Klemperer foi procurado por um editor de Dresden, que queria publicá-los. A ele essa ideia não lhe agradava, pois ele nutria um projeto educacional. Qual seria? Reconhecia entre os jovens o desconhecimento do que fora a Alemanha antes de 1933, antes da ascensão de Hitler. No pós-guerra, deu-se conta de que a juventude sofrera lavagem cerebral durante o regime e perdera o senso

¹³ Frase anotada por Klemperer em 27 de maio de 1942.

¹⁴ A palavra “*transport*” significa ser buscado na calada da noite para um campo de concentração ou extermínio.



crítico. Em suas próprias anotações, foi definindo temas, que lhe interessariam transmitir a seus alunos, caso sobrevivesse. Dessa forma, em dezembro de 1946 Klemperer terminou de escrever o livro *LTI: anotações de um filólogo*, publicado em Berlim, em junho de 1947, explicando o poder exercido pela linguagem nazista.

A abreviatura “LTI”, *Lingua Tertii Imperii*, foi criada como disfarce, para não ser identificada pela Gestapo. O livro foi dividido por temas, deixando de lado a cronologia dos diários. Uma das palavras mais desvirtuada foi Filosofia. Os nazistas temiam, de acordo com o filólogo, pessoas que pensavam e que não se deixavam persuadir. Klemperer redigiu, na edição, uma dedicatória muito singela a Eva, sua esposa, que se expôs a vários riscos, para salvá-lo da morte iminente.

O livro *LTI* tornou-se conhecido somente na antiga República Democrática Alemã, RDA. Naqueles anos, no imediato pós-guerra, tudo o que a maioria dos alemães desejava era não ser lembrado de seus atos durante os anos de chumbo. A consciência pesava para muita gente. Uma *Cidade sem passado*, *Das schreckliche Mädchen*, em alemão, como retrata o filme. O casal optou por permanecer em sua própria casa. Não desejavam viver do lado Ocidental, pois percebiam que lá muitos nazistas circulavam livremente. Essa é uma informação que pode ser comprovada pela leitura de *Capesius: o farmacêutico de Auschwitz*, de Dieter Schlesak.¹⁵

Klemperer tornou-se um professor mais conceituado na Alemanha Oriental do que fora até 1935. O regime soviético precisava de catedráticos e ele foi muito bem acolhido. Lecionou em diversas universidades em distintas cidades. Houve várias edições de *LTI* do lado oriental. Grande parte da literatura alemã escrita na antiga RDA veio para o Ocidente após a queda do muro de Berlim, em 1989.

A psicóloga italiana Paola Traverso, professora de Literatura Comparada na Universidade Livre de Berlim, publicou em alemão uma nova narrativa sobre o sucesso de Klemperer na Alemanha no *Anuário da História Judaica de Tel Aviv* em 1997.¹⁶ Ela alega, nesse estudo, que a obra de Klemperer foi instrumentalizada. Realmente, a edição dos diários do regime nazista se encerrou na data de 10 de junho de 1945, quando o casal conseguiu chegar à sua casa e reavê-la. Entretanto, Klemperer terminou os diários de 1945 em 31 de dezembro de 1945. As anotações a partir da chegada em casa é outro livro, muito interessante, sobre os primeiros momentos pós-guerra. Momentos muito difíceis, conforme relatado por Klemperer: “O número de suicídios somente não foi maior porque havia falta de gás”. A penúria foi intensa no período inicial após o final da guerra.

Ainda segundo Traverso, os textos de Klemperer servem mais para mostrar o dilema dos judeus alemães, ameaçados, entre abandonar a Alemanha, ou se deixar ficar. Os

¹⁵ SCHLESACK, 2015.

¹⁶ Anuário da História Alemã XXVI/1997, p. 307-344 – Victor Klemperer e sua visão da Alemanha – Um diário judaico.



que ficaram, praticamente todos, tiveram o mesmo fim. O casal Klemperer não abandonou a Alemanha a tempo porque Eva sofria de depressão nervosa e, por essa razão, eles temiam deixar sua casa. Klemperer temia também não saber lecionar em um idioma desconhecido e acabaram fiando. No auge do horror, ainda tentaram escapar, mas não havia mais permissão para tanto.

Klemperer analisou em profundidade a maneira como o antissemitismo se propagou na mente do povo alemão e o nazismo se inseriu, de forma sutil, em seu cotidiano, como se tudo não passasse de um processo natural. As ditaduras não se impõem somente pela força, ele avaliou, mas em larga escala, pela colonização da mente do povo e, em grande parte, pelas elites sociais e econômicas.

Referências

KLEMPERER, Victor. *Und so ist alles schwankend*. Berlim: ATV, 1997.

KLEMPERER, Victor. *Curriculum vitae*. Recordações. 1881-1918. Tomo I. Berlim: ATV, 1989.

KLEMPERER, Victor. *Os diários de Victor Klemperer, 1933-1945*. Trad. Irene Aron. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Trad. Miriam Oelsner. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2009.

SCHLESACK, Dieter. *Capesius: o farmacêutico de Auschwitz*. Trad. Miriam Oelsner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

TEL AVIV JAHRBUCH FÜR DEUTSCHE GESCHICHTE XXVI, 1997, p. 307-344 – Victor Klemperers Deutschlandbild – Ein jüdisches Tagebuch [Anuário da História Alemã XXVI/1997, p. 307-344 – Victor Klemperer e sua visão da Alemanha – Um diário judaico].

Recebido em: 20/09/2019.

Aprovado em: 20/10/2019.